

ENTREVISTA¹⁶: PROF. CESAR RENATO BRANDÃO E PROF. ALFRERDO¹⁷

Cleuza Antonia Ancelmo - G/PEDAGOGIA/UEMS

Dinalva Pio - G/PEDAGOGIA/UEMS

Júlio César Aparecido Garcia Frazeto - G/PEDAGOGIA/UEMS

Marlon Leal Rodrigues - NEAD/UEMS

Resumo: o presente trabalho representa uma forma de homenagear os professores do ensino fundamental e básico que nos corredores das escolas fazem a história do ensino dos futuros profissionais do país. São eles que nos têm algo a contar desta história que dificilmente aparece nos anais do país. São discursividades que representam uma trajetória desde o ingresso na faculdade, passando por várias etapas que culmina nas salas de aula com alunos, como tarefa, muito embora desvalorizada socialmente, é um dos pilares do que chamamos de civilização: o ensino público.

Palavras-Chave: professor, homenagem, escola, discurso.

Introdução

Há uma história sobre o ensino fundamental e básico que dificilmente ganha espaço para sua discursivização em seus sentidos (ORLANDI, 1999) e contornos. Esta história pode revelar não apenas o saber do discurso (1999) do senso comum, mas a trajetória de vida dos professores e seus sentidos que coloca na ordem do discurso pontos da caminhada que retoma história de outros professores, de histórias que se cruzam para dar sentidos a novas histórias dos corredores escolares.

Para nos contar e registrar um pouco destas histórias no/dos discursos, escolhemos o Prof. Cesar Renato Brandão, de Biologia e o Prof. Alfredo Rede Estadual de Ensino, além outros professores para comentarem sobre eles.

Assim, o objeto do trabalho são entrevistas, além doo objetivos já citado, com professores para colocar na ordem do discurso um pouco sobre suas experiências didático-pedagógica que pode servir em alguma medida para as novas gerações. Muitas destas experiências são construções “desenhadas” a partir das

¹⁶ A proposta da entrevista é uma forma de homenagear professores que fazem história no cotidiano das escolas.

¹⁷ O Prof. Alfredo por modéstia achou não ser necessário colocar o nome completo dele.



Edição 24 – Janeiro de 2020
Artigo recebido até 30/12/2019
Artigo aprovado até 22/12/2019

condições materiais de existência, lugar de criação, deslocamentos, ressignificações e equívocos (ORLANDI, 1999).

Em relação ao questionário discursivo, ele foi desenvolvido com o objetivo de propiciar ao entrevistado um espaço para inscrever uma pequena discursividade como parte de sua história relacionada ao ensino. São histórias que normalmente ficam nos corredores das escolas, que ao ser inscrita em outros espaços de discursividades, estas histórias podem, de alguma medida, produzir efeitos de sentidos para os mais novos. Ela de alguma forma retratar sentidos outros da carreira do magistério para além dos sentidos que circulam na grande mídia, que em muitos dos casos, relatam apenas os aspectos que seriam negativos e silenciam na maioria das vezes, as mais belas histórias do professoras e professores.

Neste sentido, as entrevistas foram pensadas para ser um espaço de uma linguagem “descontraída”, no fluxo da memória, no ambiente de trabalho, ou seja, na própria escola. Os professores só conheceram as questões do questionário discursivo no momento de sua realização. Ainda em relação a linguagem, foram feitos pequenos ajustes.

Relatório de Campo

Recebemos orientação do Prof. Marlon quanto a realização de uma entrevista com professores de outras instituições de ensino para a elaboração de um artigo. Seria ouvir o discurso do professor com forma de homenageá-lo, ainda que de forma modesta. A princípio, tentamos contato com algumas professoras com as quais realizamos estágios nos anos anteriores, falamos com seis professores, mas nenhum estava com disponibilidade de horário, apenas uma professora se dispôs, porém pediu um tempo para organizar sua agenda, no final de três semanas ela pediu desculpas, porquanto não ia poder nos ajudar.

Fomos a outras escolas no período matutino, porém alguns professores achou que eram muitas as questões a responder e não teria tempo. Consideramos por bem não incomodar novamente e conversamos com outra professora. Passado mais alguns dias decidimos voltar a escola, nesse dia falamos com o diretor, ele muito gentilmente nos recomendou o professor Cesar Renato Brandão de biologia, no dia seguinte seria a PL do professor, então voltamos no mesmo horário, o diretor nos indicou a sala onde estaria o professor, esse por sua vez nos recebeu com simpatia e foi bastante gentil e de imediato nos concedeu a entrevista. Voltamos a

sala do diretor e também nos indicou o professor Carlos Alberto Augusto de Matemática, amigo do professor César, que igualmente nos atendeu prontamente e com bastante simpatia.

Enquanto isso, estávamos aguardando agendamento com os professores Alfredo de Matemática e Tátilla Marquez da Cruz de Educação Física para realização das entrevistas.

Gostaríamos de ressaltar que há uma certa resistência por parte dos professores do ensino fundamental e básico em relação à academia, o que de certa forma é compreensível considerando que o espaço escolar é recortado como objeto para as pesquisas e as reflexões. Neste sentido há um incômodo, pois as análises descrevem o *modus operandi* da escola em relação a metodologia, conhecimento, didática e as concepções que as norteiam. É neste aspecto, em outros, que se constrói alguma resistência. No entanto, nosso propósito é apenas construir um espaço de discursividade para inscrições do discurso do professor naquilo que ele sentir à vontade em contribuir. O propósito é apenas ouvir seus discursos.

Entrevistas

Segue a entrevista com o Prof. Cesar Renato Brandão.

Alunos: Prof. César, bom dia. O senhor pode especificar sua formação acadêmica quando e aonde concluiu?

Prof. César: Eu sou formado em Ciências Biológicas, na verdade ciências com habilitação em biologia, me formei em 1987 antiga, FUCMAT, atualmente a UCDB. Foi de 1984 a 1987, e em 1988 eu fiz uma pós-graduação em Biologia na PUC do Paraná-PR, durante um ano eu fiquei lá e me especializei nesta área, quando eu retornei para cá – Campo Grande - já final de 88 ou 89, surgiu o concurso do Estado para professor, então a princípio eu não queria essa profissão, eu queria mesmo era ser biólogo, ia me dedicar a pesquisa realmente, mas daí, apareceu o concurso, eu sempre quis ter uma certa estabilidade e também vi quanto se ganhava na época, e comparando com o que um biólogo ganhava, era quase a mesma coisa, daí eu me interessei por pelo magistério.



Edição 24 – Janeiro de 2020
Artigo recebido até 30/12/2019
Artigo aprovado até 22/12/2019

Alunos: O que é para o senhor hoje ser um educador?

Prof. César: Para mim é realmente um desafio, porque assim eu comecei há trinta anos, era outra realidade. Eu vejo assim, até que em termos salariais, não era assim tão atrativo, mas era melhor do que muita coisa que havia no mercado de trabalho, mas a gente teve uma melhora significativa em termos salariais, mas só que no passado – 2018 - a gente tinha muito mais apoio para a formação, tinha muito mais formações também, principalmente para quem engajava nesses projetos, como Cefan. O projeto no ensino noturno, eu também participei. Então realmente era bem melhor.

Alunos: Você pode citar um fato relevante que foi negativo no seu período de formação, no tempo de faculdade?

Prof. César: Ah, faltava muito recurso, laboratório, a gente não tinha a prática hoje em dia, tem o professor residente, por exemplo, tem até verba destinado especificamente para isso, como o PIBID – Programa de Incentivo à Docência etc. Nós não tínhamos nenhum estímulo, nesse sentido. Então a gente tinha aquela formação básica, tradicionalmente, mas se alguém quisesse alguma coisa a mais tinha que “correr atrás”, embora já estava surgindo alguns estágios, alguma coisa assim, mas estava engatinhando realmente. Então isso, enquanto para formação de professor deixou a desejar naquela época, porque a gente tinha que aprender realmente na prática, você entra na sala e “tal”, a gente não teve esse preparo que os acadêmicos estão tendo hoje em dia.

Alunos: O senhor se lembra de algo da sua educação infantil que gostaria de citar?

Prof. César: Eu lembro alguma coisa muito vagamente, “fiz” jardim da infância, pré-escola, tudo em escola particular. Essa formação era aquele método tradicional, mas também já havia alguma coisa interessante. Na época também eles faziam teatro, jogral, cantava-se, mas foi na Igreja Batista que a gente teve essa formação geral, lá, embora eu não seja evangélico, mas a formação geral era mais voltada para família com questões morais. A gente respeitava, por exemplo, que eu peguei toda parte da ditadura, havia aquele respeito pelo professor, diretor, eu me lembro muito bem disso, então quando a gente fazia algum erro, alguma coisa assim, o pai e mãe já eram chamados. A gente recebia uma certa “punição”, isso aí realmente foi marcante, apesar de ser ainda muito jovem, eu ainda me lembro que nós fomos na base aérea aqui de Campo Grande. Fomos lá, a gente teve um lanche, entramos nos aviões, não chegamos a realizar um voo porque a gente era pequeno, eu tinha 5 ou 6 anos por aí, foi uma aventura bastante marcante. Tem coisas negativas também, eu fiquei frustrado, por exemplo, uma apresentação de encerramento de ano, cada um tinha que apresentar uma profissão, escolheram uma para mim, eu não gostei, porque era a de engenheiro, na época eu queria ser médico, cientista, alguma coisa assim. Também não consegui uma roupa adequada para esse dia, eu não gostei realmente, eu fiquei realmente decepcionado.

Alunos: Na sua opinião, há muita diferença hoje entre os cursos pedagógicos da atualidade e o da sua época?

Prof. César: Olha, eu não tenho assim acompanhado, quer dizer eu recebo sempre os acadêmicos aqui, eu percebo assim, principalmente na minha área das Ciências Biológicas, formação em licenciatura, estou sempre esperando alguma coisa mais nova. De vez em quando aparece alguma coisa interessante, sempre uma tentativa. Não tínhamos laboratório, nem produção de slides, Datashow, mas a gente tinha outros recursos audiovisuais que não mudou muito, só aperfeiçoaram e continuam quase da mesma forma, hoje há equipamentos mais tecnológicas, mas realmente não vejo tanta diferença assim. Por outro lado, eu tive colegas, que eram muito mais motivados a ser professore. Hoje em dia, eu não vejo tanto esta motivação, é um ou outro que se destaca, então, alguns se mostram bastante interessados mas sabem dos desafios que vem pela frente.

No passado, a gente tinha essa questão de ter uma estabilidade, arrumar um emprego, ser independente e atuar como professor ou não.

Alunos: Professor, como foi seu ingresso no magistério?

Prof. César: A princípio não me interessei muito, mas a gente tinha estágio de algumas horas, chegava na escola, entrava em contato com professores e aí acabei gostando de algumas aulas que ministrei, por exemplo, uma da área de ciências que já havia apresentado para os colegas na faculdade, eu via que tinha certo jeito pra coisa, depois fui me aperfeiçoando com o tempo. A princípio não era bem o que eu queria, mas como já dizia no começo, tinha aquela questão de ter uma estabilidade, um emprego, e você vendo tanta gente desempregada, e a caba de passar num concurso, ainda que não seja tão bem remunerado, mas havia uma certa estabilidade. E depois quando jovem nós temos muita motivação. Eu não senti tanto esse estímulo por parte dos meus professores da faculdade, mas a hora que eu tive contato com os professores das escolas, daí sim, tive alguns professores me motivaram, falavam que seria um desafio. O contrário, hoje em dia até eu mesmo falo para meus alunos, gente, pensa duas vezes antes de fazer uma licenciatura e tal.

Alunos: Professor, desde seu tempo de escolarização o senhor já se imaginava como professor?

Prof. César: Não, nunca pensei nessa possibilidade, eu pensava em outras áreas, na medicina muito vagamente, realmente eu queria mais era a área de ciências, teve uma época, eu cheguei a pensar que ia ser engenheiro eletrônico, alguma coisa assim, mas daí, eu não era bom com matemática. A minha tendência, realmente, principalmente no ensino médio, era o chamado da ciência, da biologia, e foi através deste professores que nós tínhamos laboratório e tudo mais, a partir daí realmente me interessei para Ciências Biológicas.

Alunos: Como tem sido sua relação com os alunos e seus colegas ao longo desse período?

Prof. César: Olha, eu nunca tive problema de relacionamento, mas é claro que eu tive alguns problemas disciplinares, um ou outro, mas no geral sempre tive boa relação com meus alunos. Uns me elogiavam, outros nem tanto, mas realmente sempre foi uma relação positiva, nesses últimos anos nem tanto. A questão disciplinar está deixando muito a desejar, é uma falta de respeito e tudo mais, mas no começo aparece assim, upa! Você passou no concurso, então você tinha que começar logo, mas teve altos e baixos. Com os colegas, eu sempre fui assim reservado, mas eu sempre me relacionei bem com todos os professores, eu não tenho inimigo ao longo desse tempo. Posso não ter interagido muito com um ou com outro, mas o pessoal da minha área, eu tenho mais afinidade com os das Ciências Biológicas, mas também com os demais, eu nunca tive atrito com os professores no geral. Sempre fico na minha e também não tenho aquele perfil de que acontece alguma “coisinha” aqui, já corre a entregar o colega, nunca fiz esse tipo de coisa, sempre tive uma certa ética.

Alunos: O que é a escola de uma forma se geral para o senhor?

Prof. César: Isso aqui para mim é uma torre de babel praticamente, uma confusão mesmo, porque aqui a gente tem todas as tendências, sejam políticas pedagógicas e filosóficas, isto é bom, porque eu sempre tive uma determinada visão de uma certa formação, mas a partir do momento que eu vim para esse mundo aqui, em relação ao corpo docente e discente ampliou e muito meus conhecimentos, tanto que continuo aprendendo até hoje, porque se eu ficasse só naquele “mundinho” não ia expandir meu conhecimento. Neste sentido é muito positivo estar na escola, você vê outras ideias, não fica só com uma visão. Por exemplo, eu tive uma formação metodológica na área das Ciências Biologia, mas daí você começa a interagir com outras áreas de conhecimento e não é só ciência que tem, há outras visões.

Alunos: Professor a partir de suas experiências de sala de aula, o que é ser educador?

Prof. César: Eu tinha uma visão, quando eu comecei ser professor, tinha que ser aquela pessoa que tinha que ter domínio do conhecimento, tinha que ter isso, só que com o tempo também eu fui vendo que não basta só o conhecimento, você tem que saber conquistar as pessoas, tem que cativar, chamar para o estudo do conhecimento, e pelo que percebi ao longo desses anos não basta só isso, a gente tem que ter essa formação múltipla. Não dá para misturar tudo, mas tem momentos que você tem que ser o pai, tem que ser psicólogo, tem que ser isso, tem que resolver aquilo, e daí tem dia que você também não está bem, mas de vez em quando você também tem que ouvir o aluno. Embora não tenha muito este perfil, mas ao longo desses anos eu sempre procurei ver o lado deles também, o lado humano. É isso que foi importante ser professor, eu achava que era só dominar um determinado conteúdo, passar aquele conteúdo da melhor forma possível, preferencialmente eu achava que fosse só de forma tradicional, mas os alunos reclamavam muito, você tem que diversificar, a gente não era questionador, a gente recebia o conteúdo e aceitava aquilo, não questionava. De certa forma, a gente estranhou, porque achava que era só chegar com a matéria pronta e tal. Hoje, em dia você tem que conquistar os alunos e a cada dia está mais difícil fazer isso, porque acho que a escola não é mais atrativa para esses alunos que temos atualmente.

Alunos: Na prática de sala de aula, o senhor aplica algum método específico em particular?

Prof. César: Acho que seria mesmo o tradicional, mas hoje usa o termo aula expositiva mas ela é dialogada, que no passado era basicamente um monólogo, de vez em quando um aluno levantava lá para tirar alguma dúvida, alguma coisa assim. Hoje a gente procura diversificar alguma coisa. Hoje tem laboratório aqui, mas ultimamente não tem usado muito, os alunos, inclusive, tem cobrado isso também, mas mesmo assim é difícil.

Alunos: O senhor poderia relatar uma experiência positiva de sala de aula em relação ao ensino?

Prof. César: Bom, eu tive assim, boa experiência, na época do centro de Formação do Magistério, nós tínhamos uma carga horária dedicada aos estudos, então a gente debatia, discutia com os colegas e dessa forma podia vivenciar novas práticas, aplicar em sala de aula algumas propostas. Por exemplo, a prática de laboratório tem o espaço, e não é só isso, também algumas vezes nós fizemos excursões, uma vez nós fomos à Miranda-MS, fomos de ônibus, coletamos alguns materiais que a gente trouxe para sala de aula, discutimos. Hoje é bastante restrito porque em algumas questões, por exemplo, naquela época, a gente podia até conversar com políticos abertamente, não tinha essa questão de partido ABCD, independente disso, a gente tinha contato com os políticos, eles até patrocinavam, mesmo sendo escola pública era permitido fazer isso, a gente conseguia recurso dessa forma, a gente tinha que motivar também os alunos a saírem um pouco da sala de aula, do espaço escolar. Então foi uma fase marcante, a gente conseguia também da própria Secretaria de Educação, algumas vezes, verbas ou ela sedia ônibus. Já fiz até viagem, por exemplo, de avião, ida e volta para o Rio de Janeiro juntamente com um colega, nós participamos de encontro de Ciência Biológicas. Nós tínhamos um incentivo, aprendíamos alguma coisa, a gente trazia para sala de aula, foi uma fase marcante.

Alunos: O senhor poderia relatar alguma experiência não muito boa em sala de aula com relação ao ensino?

Prof. César: Sim, logo no primeiro ano eu peguei uma quinta e sexta séries, nossa! era programa de saúde, eu comecei a trabalhar de forma tradicional, com esse meu jeito calmo não deu muito certo, eu tive que desistir dessas turmas, isso foi negativo. Depois eu consegui só no ensino médio, mas foi extremamente negativo trabalhar com essa clientela de quinta e sexta série, não é para qualquer um não. O professor que consegue dominar uma quinta e sexta séries, eu realmente tiro o chapéu porque não é fácil, eles realmente estão de parabéns.

Alunos: Que mensagem o senhor deixaria para os futuros colegas de trabalho?

Prof. César: Que realmente você tem que se formar mesmo, porque a coisa está cada vez mais difícil. Realmente tem que diversificar a metodologia, é muito estudo, tem que trocar ideias com colegas, não só da sua área de formação, mas da educação como um todo, precisa que haver esse contato direto com as Universidades também, tem que haver essa ponte constantemente. É aquilo que eu disse no começo, a gente tem alguns acadêmicos aqui que vem eventualmente, e de vez em quando aparece um professor de Universidade também, ele também tem que estar presente com a gente vendo essa realidade, vendo as nossas necessidades também, deveria haver mais informação por parte das Universidades com relação a nós professores, porque às vezes acontece algumas formações, mas não atinge a prática realmente. Então, nós gostaríamos de saber quais são as novas tendências de ensino, aonde e o que está dando certo, importante estar fazendo essa troca. Então realmente quem está começando a carreira, vai ser um desafio muito grande em relação a tudo isto. Não há de fato motivação para quem quer ser professor, os políticos ficam no blá blá blá, mas eles nunca entram realmente em uma escola, sentir a coisa mesmo como ela é, manda eles passarem uma semana que seja dando aula. Aqui, é basicamente ensino médio, com exceção dos nonos anos, agora pegar escolas que têm de 1^a. a 4^a. ou 5^o. séries, é difícil. A gente tem uma formação, mas a hora que se depara com a realidade é uma outra coisa, porque a gente não tem mais aquela coisa de família que era estruturada. Por exemplo, na minha época o ensino era voltado para a família, você tinha pai, mãe, os irmãos, avós, tios. Nós não temos mais essa realidade, a coisa mudou e muito. Então como que eu vou lidar com essas pessoas, tem muita droga também envolvida, muita depressão, são muitos desafios que a gente enfrenta. Eu particularmente não tive essa formação, a gente tem alguma informação agora. Será que os acadêmicos estão tendo essa formação?

Alunos: Quais foram os dissabores evidenciados na sua carreira?

Prof. César: Realmente sempre foi assim, de muita luta, muita coisa que a gente conquistou seja em termos salariais, de melhorias, estrutura física nas escolas. Ao longo desses anos, tivemos várias conquistas, parece

que estão querendo tirar tudo isso agora. E olha que a gente fazia greve de 30 a 40 dias, dois meses, ficávamos sem receber também por um certo período, teve colegas que passavam fome, a gente tinha família etc.

Alunos: O senhor pode comentar como é ser professor nos dias de hoje, com fatos rotineiros e significativos?

Prof. César: Tem algumas conquistas vou falar um pouco dessa parte de organização diária. Eu particularmente, embora alguns colegas não gostem muito, eu gosto do planejamento online, não tínhamos isso no passado, essa parte burocrática facilitou muito, apesar de não termos muita autonomia, temos que seguir um referencial, do ENEM, do vestibular, somos muito cobrado, nesse sentido, eu não posso fugir muito embora tem outras áreas de conhecimento que eu gostaria de falar, mais o espaço não permite, a carga horária também deixa a desejar. A gente não tem totalmente liberdade, hoje em dia não é qualquer coisa que você pode falar, mas eu ainda acredito na educação apesar de tudo porque a educação é a base de tudo, não tem nem o que discutir, é só você ver porque que determinadas nações dão certo a educação e outras não. Também não posso falar que tudo é negativo porque geralmente aparece na mídia só coisas negativas, mas eu tenho colegas que com poucos recursos desempenham vários projetos que atingem as comunidades seja na área da filosofia, sociologia, da ciência, da saúde, mas isso a mídia não divulga. Então todos sabem que falta recursos. Sobre a educação em casa, tem vários relatos que isso não dá certo, a criança e o jovem têm que interagir com outros jovens e com os adultos também em diferentes formações, isso que é o essencial, como que você vai ter um bom cidadão com uma boa formação se você não tem diferentes áreas de conhecimento.

Alunos: Professor Cesar, muito obrigada por nos conceder seu tempo, foi de muito valiosa contribuição para nosso trabalho.

Prof. César: De nada, foi um prazer.

Web revista Página de debates

Questões de
LINGUAGEM

Edição 24 – Janeiro de 2020
Artigo recebido até 30/12/2019
Artigo aprovado até 22/12/2019

A segunda parte do trabalho é entrevistar colegas de trabalho do professor entrevistado. Prof. Carlos Alberto Augusto.

Alunos: Prof. Carlos, quando e como o senhor conheceu o professor Cesar?

Prof. Carlos: Olha, já faz uns 15 anos, ele é um ótimo professor de Biologia e pra mim é um exemplo de dedicação e criatividade, ele é muito empenhado no que faz.

Alunos: Qual tipo de relação o senhor mantém com o professor Cesar, só profissional, ou são amigos fora da escola também?

Prof. Carlos: Nós somos amigos e colegas de trabalho, não temos muito convívio fora da escola, mas no que tange a escola, a gente desenvolve muitos projetos juntos.

Alunos: Comente um episódio que o senhor presenciou e julga marcante na carreira do professor?

Prof. Carlos: Foi um momento em que os alunos estavam impressionados com um projeto que ele tinha elaborado, era com doação de sangue, nós tínhamos um professor que tinha um problema e teve que realizar transplante de medula, estava com dificuldade para conseguir doador de sangue, o Cesar comoveu todo o “Colégio” que possui cerca de 2800 alunos. Passou em todas as salas de aulas fazendo efetivar essa questão, em nome desse professor e de outras pessoas que precisavam. Aquilo me chamou muito a atenção por ele ser essa pessoa que não pensa só em si próprio, mas se preocupa com os outros, aí aproveitou e deu aula de tipagem sanguínea, envolvendo essa situação. Isso é uma coisa bem contextualizada e marcante, nunca esqueci, achei muito louvável da parte dele.

Alunos: Professor Carlos, em sua opinião, como o senhor definiria então o professor Cesar?

Prof. Carlos: É um professor competente, criativo, extremamente dedicado, e é uma pessoa que você pode solicitar para qualquer atividade dentro das necessidades da escola, você pode contar com ele que está sempre disposto a ajudar.

Alunos: Prof. Carlos, de alguma forma o professor César lhe influenciou na sua carreira?

Prof. Carlos: Ele me influencia no sentido que ele me incentiva, estimula por ser uma pessoa dedicada, eu fico impressionado como ele não mede esforços para fazer as coisas. Ele é um homem solteiro, eu sou casado, eu sou professor de Matemática e ele de Biologia, entende, então ele me inspira pela dedicação nesse sentido.

Alunos: Comente um pouco como o Prof. Cesar interage com os colegas e com os alunos?

Prof. Carlos: Ele está sempre procurando estimular os colegas no sentido de que todos sejamos coerente no que diz, no que faz e na medida que a gente tem que saber que temos uma missão que precisa ser cumprida. O nosso objetivo é o aluno, sem o aluno a gente não existe, isso já é uma frase dele, a gente tem que fazer tudo para manter os alunos na escola porque se eles se evadirem, o que será de nós. É preciso se empenhar ao máximo para evitar essa evasão, temos que mostrar que nós nos importamos, você tem que mostrar que está interessado por eles e buscar conquistá-los, esse é um exemplo que o prof. César tem buscado passar a todos.

Alunos: O que o senhor acha que permanecera do professor César nas atividades para os alunos e para seus colegas?

Web revista Página de debates

Questões de
LINGUAGEM

Edição 24 – Janeiro de 2020
Artigo recebido até 30/12/2019
Artigo aprovado até 22/12/2019

Prof. Carlos: Volto a falar, a dedicação sem dúvida, ele é padrinho de turma todos os anos porque os admiram a maneira que ele age, ele é uma pessoa fiel ao que se propõe é o que posso dizer dele.

Alunos: O senhor gostaria de deixar alguma mensagem para o Prof. Cesar?

Prof. Carlos: Eu gostaria que ele soubesse que o admiro muito, e que o acho uma pessoa extremamente competente, dedicada e um homem extremamente modelar, é realmente um modelo de profissional que me inspira e que dá vontade de continuar sendo professor tendo um colega como ele.

Alunos: que lindo, ok professor Carlos muito obrigada.

Entrevista com o segundo professor: Alfredo.

Alunos: Prof. Alfredo porque você escolheu ser professor?

Prof. Alfredo: Olá, eu escolhi ser professor devido a minha família, a maioria é professor, mas eu já tinha outra profissão antes de ser professor, me encantei pela profissão no sentido de desenvolver, criar valores humano, a nossa profissão proporciona isso da gente, poder lapidar o ser humano.

Alunos: Como se deu a escolha de trabalhar como educador?

Prof. Alfredo: Sou formado com habilitação, sou arquiteto, iniciei a profissão como autônomo logo no início da carreira, como não abria mercado e pelo fato de minha família toda é professor, encaminhei-me nesse mesmo sentido, comecei e me encantei. Então fiz a graduação de licenciatura em Matemática, hoje atuo nas duas profissões, mas é como falei, a educação para mim é o que me encanta, é a criação de valores humanos.

Alunos: O que é ser professor hoje para o senhor?

Prof. Alfredo: Ser professor hoje é você ter uma resiliência, não é mais o fato de estar ensinando uma formação acadêmica, mas sim de conduzir esses jovens a ter uma perspectiva, um direcionamento. Então em sala de aula, eu me vejo como um lapidador, lapidando os diamantes brutos na sociedade.

Prof. Alfredo: Quais foram os professores que o influenciaram?

Prof. Alfredo: A primeira foi minha professora de 2º a 5º séries, professora Cleuza Batista dos Santos, era uma verdadeira guerreira, e na minha formação acadêmica na faculdade, teve o Professor Emanuel que falava para mim que eu deveria encarar como uma poesia, na formação acadêmica, os mestres pintores que procura aplicar a pedagogia humanista. O professor Makiguti e o professor João. São todas essas pessoas assim que deram o direcionamento para minha a formação.

Alunos: Cite um fato relevante e positivo do período de sua formação escolar?

Prof. Alfredo: Um fato interessante foi a própria formação acadêmica, vou falar sobre o trabalho hoje na área de exatas a que eu sou um expert em exata, não, mas hoje eu trabalho em função que tive uma formação do ser humano, tive um professor que inspirou. Eu vejo hoje na minha vida acadêmica isso, mas nem todo mundo

tem o desejo que manja, que entende, seja na área de exata ou de humanas, mas a gente tem que desenvolver aquela habilidade. Eu tinha um desejo, foi isso daí, então esse professor me estimulava nesse sentido de encarar a vida, encarar a profissão como uma verdadeira poesia, o momento triste, o momento difícil na caminhada, não podemos jamais perder a nossa determinação, acreditar e fazer uma revolução humana, despertar nos alunos a paixão na matemática.

Alunos: Cite um fato relevante negativamente do seu período de formação escolar?

Prof. Alfredo: Eu era uma pessoa gordinha, sofria bullying, então vejo muito assim, as pessoas vê que você tem algo diferente. Até minha formação religiosa na ocasião, sou budista e de certa maneira, as pessoas têm preconceito, quando você faz algo de diferente na sociedade ou algo que você é diferente, o olhar é diferente para você, as pessoas julgam pela aparência e é que somos julgados. Então o bullying é nesse sentido, o mundo em que nós vivemos há sempre o um olhar discriminatório, olhar de julgar as pessoas, não vê o coração do ser humano.

Alunos: Fale algo sobre as lembranças da sua Educação Infantil?

Prof. Alfredo: Minha educação infantil foi no período da década de 70, eu já entrei no 1º ano, não era assim como é com jardim, pré-escola, essas coisas, como aluno a gente respeitava os professor, já vinha com certo limite de casa, os meus pais sempre falavam assim, para respeitar o professor como se fosse assim um pai e uma mãe. Hoje vivemos em uma sociedade que não tem limites com os aluno.

Alunos: Quais disciplinas que mais influenciaram para a sua carreira como educador?

Prof. Alfredo: Foi uma disciplina na área de física na faculdade. Era para se formar em 5 anos, eu fiz em 7 anos, fiquei me sentindo realmente impotente, mas eu vejo que não sou eu mas sim o profissional, por isso na área da Educação, temos que ter essa preocupação. Geralmente associamos a disciplina ao profissional e criamos um verdadeiro bloqueio emocional, nós nos sentimos assim, incapazes. Então aquele professor, eu lembro muito dele, com que eu tive muita dificuldade, foi uma luta para mim. Hoje a minha situação não me tornar aquilo, mas sim para cativar e respeitar as diferenças dos meus alunos, das pessoas que estão lá, as pessoas não podem julgar simplesmente pelo fato do teu conhecimento, cada um de nós temos um conhecimento e é uma certa maneira saber explorar isso. Então tive um grande horror na parte de cálculos, mas hoje como professor procuro dar a melhor forma de conduzir, cativar os meus alunos, com bastante esperança e com a capacidade que todos possuímos.

Alunos: Há alguma diferença entre os cursos de pedagogia de hoje e o da sua época?

Prof. Alfredo: Diferença não, mas sim a convivência, na vida acadêmica a gente vê muita teoria, aquelas coisas de teoria de Piaget, mas o dia a dia você em sala de aula com 30 a 40 alunos, isso é você se lapidar, é você ter realmente essa preocupação com o ser humano. Então a diferença é o que as pessoas há 20, 30 anos, as pessoas respeitavam, hoje os alunos, eu vejo que não tem limite, nós somos mais uma maneira de criar uma verdadeira creche dos jovens criança que tá aí, você ser um pai e uma mãe, representar isso, ser um exemplo.

Alunos: Como foi seu ingresso no Magistério?

Prof. Alfredo: Foi no ano de 1998, eu havia me formado em arquitetura, não estava atuando, logo no início quando comecei como leigo, eu não tinha formação acadêmica, comecei nas escolas pública, foi assim o início. A gente sai da faculdade, parece que sabe de tudo, mas aí entre em choque, você estudar e entra na sala de

aula, respeitar o que é a diferença, porque que a gente sai da faculdade com aquela vontade de mudar o mundo, mas na prática, como vou resolver? como eu vou mudar o mundo? mas eu vou ter que trabalhar, me adaptar à realidade da vida e nesse sentido eu fui me adaptando, em 2001 tive minha formação de licenciatura em matemática. Fui a cada ano me desenvolvendo, me lapidando como professor.

Alunos: Sua vida escolar, você já se imaginava como professor?

Prof. Alfredo: Não, eu queria mesmo na área de engenharia, mas nunca me imaginei trabalhando em sala de aula com jovens. Hoje tenho uma grande satisfação, não vou falar que sou melhor, tenho dificuldade sim, trabalho com adolescentes do 6º e 7º anos que tem uma grande dificuldade em entender as crianças pequenas, mas mesmo assim, para mim, a todo momento que entro em sala de aula, eu realmente tento ser aquele professor que poder fazer a diferença na vida dessas crianças.

Alunos: E quanto a sua capacidade como professor, foi uma descoberta gradativa?

Prof. Alfredo: Sim, passo a passo, foi assim aquela adaptação no começo, você entra na educação como uma profissão para pagar as contas, mas você vai encarando, vendo na realidade a importância que você tem no mundo da educação como professor, e isso muda. Hoje eu atuo já faz 20 anos, tenho imenso prazer, não é mais questão financeira, não estou rico, mais o meu conhecimento em poder compartilhar com ser humano semelhante, para mim é um grande prazer.

Alunos: Como foi sua relação com colega de trabalho ao longo dos anos?

Prof. Alfredo: Acho assim, é difícil criar uma amizade, mas você tem colegas, a gente chega, faz nosso trabalho, uns chegam e quer ser estrela porque tem mestrado, doutorado, mas são apenas seres humano, então procuro respeitar as pessoas, não é o título que faz você ser um ser humano, mas sim o seu coração, de poder conquistar e de mostrar seu trabalho da melhor forma possível, fazer uma revolução humana dentro do seu próprio coração. Eu procuro cativar tanto meus alunos quanto meus colegas de trabalho.

Alunos: Comente como são seus alunos hoje?

Prof. Alfredo: Eu adoro, para mim é um verdadeiro treinamento de lapidar, eu trabalho com uma turma do nono ano no período matutino, a tarde uma turma do sétimo, do sexto são jovens imaturos que vem agora com essa mudança de começar cedo, então começam, mas são grandes valores que querem aprender, cabe a mim como professor, o adulto da sala ter essa benevolência. Tem hora que a gente age como profissional no nosso dia a dia, nos exaltamos, mas eu procuro sempre respeitar, não é fácil colocar limite. As crianças vêm realmente de uma estrutura familiar bem deficiente, ausência do pai, ausência de mãe criado com os avós, mas cabe a mim fazer essa mudança em sala de aula, você tem essa resiliência, essa flexibilidade e jamais ser influenciado naquilo que você deseja. Na profissão sempre vai existir a dificuldade, cabe a nós decidir fazer a transformação e fazer a mudança. Eu amo o que faço, não é difícil, mas é para mim algo prazeroso.

Alunos: Na sua prática de sala de aula, você aplica algum método próprio, particular?

Prof. Alfredo: Sim, a criação de valores humanos, eu ensino o que é respeitar a individualidade de cada ser humano. É difícil porque tem uma sala com 40 alunos, tem que ter aquele olhar benevolente de resgatar, e despertar aquilo que gosta de manter a sensibilidade, de continuar gostando. Jamais perder o ponto de vista, isso é difícil, mas tem que ter esta sensibilidade, experiência positiva de sala.

Alunos: Você poderia relatar uma experiência em sala com relação ao ensino?

Prof. Alfredo: Sim, quando fui professor na unidade prisional no ano de 2007, não tinha experiência, fui trabalhar nos presídios, então eu vi um papel interessante. Hoje trabalho num mundo onde as pessoas são livres, tem liberdade e tive esta experiência de trabalhar com pessoas aprisionada e presa, você vê a importância que cada um dá. Então as pessoas que estão presas querem uma remissão, poder socializar-se de novo perante a sociedade, as pessoas que estão lá realmente leva um grande peso do preconceito da discriminação. O fato de trabalhar lá me ajudou a ver aqui fora, e como professor posso mudar o mundo prisional também. Aqui fora, cada aluno que eu trabalhar tenho a chance de despertar a esperança nele, fazer uma mudança de forma que não precisa falar para ele ir para lá. A grande maioria dos que já tem uma família desestruturada onde eu trabalho, o exemplo está lá, o pai preso a mãe por aí.

Alunos: Se fosse para homenagear um colega ou amigo de trabalho, quem seria e porquê?

Prof. Alfredo: Aqui no Colégio, é meu primeiro ano. Há uma colega que também é novata, começou também este ano comigo nesta escola. Tenho um vínculo, trabalhamos justamente no mesmo período, fazemos planejamento em sala, ela é a professora de educação física, refiro-me a Profª. Tatila, nós temos um diálogo, ela é jovem na educação, está caminhando e trilhando com o mesmo propósito de promover uma mudança no sentido de tocar no coração do estudante. Cabe a nós esse pouquinho de contribuição. Eu posso compartilhar isso com ela e vejo que é uma profissional de grande futuro pela frente, está na mesma caminhada com os que estão pensando ou estudando para ser professor.

Alunos: O que o senhor deixaria para os alunos que estão estudando para ser professor?

Prof. Alfredo: Eu diria que é uma profissão fantástica, a gente trabalha com pessoas, somos influenciado por uma questão fascinante. Podemos decidir, determinar e ter a persistência em qualquer profissão, seja médico, engenheiro, advogado, mas o professor sempre vai estar por “de trás”, somos a verdadeira inspiração, vamos ter esperança, cabe a cada um de nós que está trabalhando, e a vocês que estão se formando, buscando o magistério, fazer mudança como professores e mudar o mundo dos alunos, não é muito, mas o pouco que você semear vai dar para fazer a transformação, essa é verdadeira revolução humana, obrigado.

Alunos: Qual a maior dificuldade na sua opinião para o estudante hoje?

Prof. Alfredo: Hoje eu vejo as tecnologias, eu concorro com os alunos com jogos, na sala de aula, a atenção é o facebook, whatsapp. A melhor forma não é eliminar, mas tentar incluir essa ferramenta com sabedoria, esta tecnologia tem que ser associada para trabalhar da melhor forma.

Alunos: Você lembra de algum aluno que tenha recebido influência para seguir carreira de professor?

Prof. Alfredo: Há uns 15 anos, eu trabalhei com um jovem, hoje ele trabalha comigo, é professor. Então a gente fica feliz como professor analisando aquela na época de Sócrates, Platão e os discípulo, a gente fica feliz com os alunos, aquele jovem lá no fundamental 5º e 6º anos que foi ser professor e hoje está trabalhando com você, então isso desperta uma alegria, uma satisfação do nosso trabalho. Jamais desistir, nem todos vão seguir, mas alguns seguem e a gente fica feliz. A minha alegria é essa, é ver os jovens, que na minha caminhada como professor, eles estão também seguindo. Da mesma forma que já trabalhei com professores que foram meus professores, e hoje somos colega. Então é imensa alegria e satisfação para o professor de um jovem aluno acaba trabalhando com você.

Alunos: O que lhe proporcionou a maior alegria na sua carreira?

Web revista Página de debates

Questões de
LINGUAGEM

Edição 24 – Janeiro de 2020
Artigo recebido até 30/12/2019
Artigo aprovado até 22/12/2019

Prof. Alfredo: Na carreira, a minha alegria sempre está por vir, porque todo dia é um aprendizado, todo dia você ve o jovem ali, eu estou sempre aprendendo e principalmente com os meus alunos, então tenho esse coração aberto, então a minha próxima aula será sempre a melhor.

Alunos: o senhor gostaria de deixar uma mensagem para os futuros professores?

Prof. Alfredo: Sim, seja qual for a caminhada de cada um de vocês, procurem ser os melhores.

Alunos: Ok. Obrigada.

Entrevista com professora Tátilla Marquez da Cruz, amiga do Prof. Alfredo.

Alunos: Professora, como e quando você conheceu o Prof. Alfredo?

Profa. Tátilla: eu o conheci no início de março deste ano, aqui mesmo no Colégio.

Alunos: que tipo de relação você mantém com professor?

Profa. Tátilla: A gente tem um contato mais próximo porque dividimos os PLs, acaba que eu e ele estamos juntos durante as PLs, temos a mesma sala, então sempre discutimos alguma coisa relacionada a turma que nós dois atendemos.

Alunos: como você definiria o professor?

Profa. Tátilla: Olha, profissionalmente ele é simpático, calmo, demonstra bastante afeto pelos alunos, e também pelos pais de alunos. Ele é bem comunicativo, bem espontâneo.

Alunos: O professor influenciou de alguma maneira em sua carreira ou não?

Profa. Tátilla: Sim, eu acho que todo mundo sempre tem algo para agregar. Eu lembro da primeira semana que eu estava aqui, ele me falou, “olha tem uns alunos assim e assado”, se preocupou em me dar “uns toques” de como que seria mais ou menos a turma e os caminhos que tem a seguir para que tudo dê certo.

Alunos: O que acha que permanecerá do professor, das sua atividade para os alunos e seus colegas de trabalho?

Profa. Tátilla: Então, eu acho que a afetuosidade que ele tem com os alunos é bacana, eu acho que todo professor deveria ser assim, trazer o aluno para próximo, eu percebo que ele tem muito a fazer.

Alunos: Você gostaria de uma mensagem Professor Alfredo?

Profa. Tátilla: Que ele é muito bacana, que ele nunca perca o brilho, a vontade de ajudar, porque a vontade dele é imensa em ajudar realmente os alunos, e que tudo na vida dê certo ele. Sei que ela está passando por algo, espero que dê certo, que ele saia logo e vencedor da batalha.

Alunos: Então, finalizando agora, são poucas perguntas e eu quero agradecer a você por nos conceder seu tempo e contribuir com nosso trabalho, obrigada.

Considerações Finais

Podemos considerar, para nós, como este trabalho foi um grande desafio e ao mesmo tempo um grande aprendizado, observamos pelos relatos dos nossos entrevistados que há uma realidade que muitos de nós, que estamos buscando por este caminho do magistério que não conhecíamos. De fato, o papel do profissional professor vai muito além das salas de aulas, o desafio é bem maior e o compromisso que a pessoa do professor assume ao escolher essa profissão, está além do sonho de uma carreira com vantagens ou uma colocação no mercado de trabalho.

Como foi colocado pelos entrevistados, quando escolhemos ser professor, estamos assumindo o papel de “lapidador do ser humano”, estaremos lidando com vidas sob nossa responsabilidade e muitas vezes destas vidas vão estar fragilizadas pelas eventualidades, para não dizer fatalidades do mundo em que estão inseridos. Caberá agora, a cada um de nós, futuros professores entender verdadeiramente o que estamos assumindo e absorver todas as informações que estamos recebendo em nossa formação e nos preparar bem para fazermos tudo da melhor forma possível.

Parabéns a todos os professores entrevistados, porque assumiram verdadeiramente seus papéis e hoje estão sendo bons exemplos para seus alunos e para nós seus futuros colegas.

Referências Bibliográficas

ORLANDI, E. P. *Análise do Discurso, princípios e procedimento*. Campinas-SP: Pontes Editora, 1999.